

CBPF-CS-005/86

"EXPERIÊNCIAS DE UMA VIDA NA UNIVERSIDADE  
BRASILEIRA" E REVERBEROS

J. Tiomno

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CNPq/CBPF  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150  
22290 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Este fascículo inclui o texto da Aula Inaugural de 1986 da Universidade Federal do Pará, o artigo publicado a propósito dessa aula pelo Senador Jarbas Passarinho no jornal "O Liberal" - de Belém; o artigo de resposta ao mesmo publicado a seguir no referido jornal; e a manifestação do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPa.

EXPERIÊNCIAS DE UMA VIDA NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA  
(Aula Inaugural da Universidade Federal do Pará)

J. Tiomno

É para mim motivo de muita satisfação e, mais que uma honra, um grande privilégio - o de vir dar esta Aula Magna da Universidade Federal do Pará (UFPA) neste ano de 1986. De fato venho ao encontro de muitos ex-alunos nas Universidades do Rio de Janeiro, de Brasília e de São Paulo, com os quais convivi longamente, e que são agora bem sucedidos professores, pesquisadores e dirigentes desta Universidade, dentre os quais, se bem que não tendo participado de curso meu, o próprio Magnífico Reitor Dr. José Seixas Lourenço.

Ao receber seu convite pensei inicialmente em um assunto de Física apropriado a uma tradicional aula de sapiência. Conclui no entanto que neste momento em que, a meu ver a Universidade Brasileira atravessa a maior crise de sua história, seria mais construtivo falar sobre a minha experiência em várias universidades no Brasil e no exterior, problemas de então, e sobre boas e más soluções tentadas. Isso porque, espantosamente, o Brasil é um país sem memória em que as mesmas discussões e as mesmas propostas e até tentativas de soluções se repetem ciclicamente com total desconhecimento das anteriores, de trinta anos e até cinquenta anos atrás. Os acertos e desacertos anteriores não são levados em conta nas discussões. Isso deve ser rapidamente corrigido neste momento, um ano apenas após os 20 anos de ditadura em que a Universidade Brasileira foi massacrada e deformada, em que seus melhores valores foram afastados e perseguidos e a mediocridade promovida. Torna-se necessário um grande esforço de união e entendimento. Só assim a Universidade Brasileira poderá reencontrar sua vocação social de fonte de soluções de problemas nacionais e recuperar seu prestígio junto às forças vivas da Nação. A alternativa será o desprestígio continuado e a deterioração progressiva que poderão ser fortemente acentuados pela utilização para fins políticos das enormes

verbas que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) virá a ter em breve. Nesse caso vislumbro um encaminhamento paralelo ao da França Napoleônica em que, convencido da impossibilidade de recuperar as Universidades francesas, Bonaparte fundou as "Grandes Écoles" como a "Polytechnique" e outras, militarizadas em sua estrutura e direção e que se opõem às desprestigiadas Universidades. Só que no Brasil, creio eu, serão de fato Universidades militares, com as que estão se formando por aí, em oposição à arrazada Universidade Brasileira. Volto agora ao tópico desta aula que não será uma autobiografia mas abordará necessariamente minha experiência Universitária.

Meu primeiro contacto com a Universidade Brasileira foi com a Faculdade de Medicina da então Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)) cujo curso suplementar (uma das muitas mutações do Curso Secundário no Brasil) frequentei há cerca de 50 anos. Dois anos depois, aprovado no vestibular, entrei para o curso médico onde tive a satisfação de conviver com cientistas como Carlos Chagas Filho de quem fui monitor de Física, Alvaro Ozorio de Almeida e outros. Aí encontrei um ensino altamente centralizado nas cátedras, que era muito superior ao que vejo atualmente, quando o catedrático era bom e selecionava bons assistentes, e que se tornava muito insatisfatório e desmotivador quando o catedrático era ruim. Os mesmos entrosques de hoje entre maus professores e bons ou maus alunos ocorriam com críticas mútuas. A afirmativa de velhos professores de que no seu tempo se estudava muito mais, respondíamos com a afirmação então corrente: "em seu tempo, no edital de matrícula era apenas exigido que os candidatos fossem alfabetizados e, se possível, que lessem e escrevessem com fluência". Data daí minha reação ao sistema de Cátedras como era organizado.

Em 1939 fiz o vestibular para Física que cursei simultaneamente com Medicina até que desisti desta quando passei para o 4º ano. Ingressei na Universidade do Distrito Federal (RJ), fundada pelo saudoso Anísio Teixeira, em que encontrei professores de primeira categoria como Lelio Gama, Luiz Freire, Joaquim da Costa Ribeiro e outros; vi essa Universidade, que seguia os moldes da Universidade de São Paulo (USP) fundada em 1934, ser destruída pela ditadura do Estado Novo ainda em 1939 por ser acusada de ter influência comunista. Foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) da Universidade do Brasil (UB) para a qual fomos transferidos compulsoriamente. Alguns professores foram aproveitados, a maioria foi expurgada, e uma leva de professores solicitados à ditadura fascista de Mussolini veio para a Física e Matemática para nos arianizar. Entre eles, porém, veio Luigi Sobrero, que ao contrário dos outros, fugia do ambiente corporativista italiano. Novamente via eu o contraste das boas e más cátedras que continuaria a confrontar quando após formado em 1941 vim a ser Assistente de Costa Ribeiro. Todo esse período de aluno e assistente foi muito intenso se bem que nossa luta fosse diversa da politização que se implantou nas Universidades a partir dos anos 60. Não queríamos poder, ou ter influência em decisões, mas nos organizávamos para lutar contra o mau ensino e a falta de pesquisa, nos preparávamos trabalhando duramente para virmos mais tarde a ocupar, por mérito, posições de Assistente ou até fazer concurso de cátedra para contribuímos para a melhoria da FNF e da UB. Tínhamos um seminário para o qual convidávamos professores e pesquisadores. Data daí o núcleo formado por Elisa Frota Pessoa (que viria a ser minha esposa), José Leite Lopes, Leopoldo Nachbin, eu próprio e outros que viríamos mais tarde a nos associarmos a Cesar Lattes para criarmos o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas em 1949. Já que não con-

seguíamos nem como professores da Universidade, nela implantar a pesquisa, que então só existia em certas catedras privilegiadas, formávamos o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), fora dela, para mais tarde incorporá-lo à UB. Isso nunca foi possível pois logo o CBPF, vitorioso, passou a ser acusado, seguindo a tática tradicional, de "antro de comunistas e de judeus" e repellido pelos que dominavam a UB.

Antes porém, após ser convocado pelo exército por três anos durante a guerra, num período de maior estagnação da FNF, fui para São Paulo em 1946 com uma bolsa de estudos, a convite de Mario Schemberg e Gleb Wataghin que é considerado o pai da Física Brasileira. Passei um ano, fazendo pesquisas com Mario Schemberg e conhecendo pela primeira vez uma universidade que funcionava na base do tempo integral e em que a pesquisa científica era muito estimulada. Novamente o efeito altamente benéfico dos bons catedráticos e maléfico dos incompetentes se notava. Também era chocante o contraste da USP com a UB, aquela facilitando e estimulando a ida ao exterior de jovens assistentes para doutoramento e especialização e esta impedindo. Voltando à FNF retornava em breve à USP contratado como Assistente e em janeiro de 1948 embarcava para os EE.UU. a bordo de um avião que ia trocar os motores cujo prazo de segurança tinha expirado. Essa passagem gratuita foi obtida pelo Presidente da Academia Brasileira de Ciências, Arthur Moses, que eu já frequentava apresentando trabalhos há vários anos. Ao pousar em New York durante forte nevasca, o avião esgotou a pista sem parar por falta de atrito, mas o piloto conseguiu levantar vôo nos últimos metros tendo então sido bem sucedido na aterragem seguinte após os bombeiros terem preparado convenientemente o campo. Cheguei então à Universidade de Princeton

para a experiência universitária mais importante de minha vida que durou até junho de 1950 quando voltei com os diplomas de Master of Arts e PhD ambos em Física.

Muito aprendi em Princeton. Mais do que os poucos cursos que fiz com ótimos professores e, porque não, até com um mau professor; mais do que vários trabalhos de pesquisa que fiz, inclusive no doutoramento, com físicos eminentes como Wheeler e os futuros prêmios Nobel, Wigner e Yang; mais importante, como preparativo para minha futura atuação no Brasil, foi estudar de perto a estrutura da Universidade norte-americana que, segundo o famoso matemático francês Laurent Schwartz é a melhor do mundo enquanto seu curso secundário é dos piores. Em Princeton, como em Ann Arbour onde estive num curso de verão dado por Feynman, outro futuro prêmio Nobel, examinei de perto esse fenômeno para entendê-lo. De Wheeler e Oppenheimer soube que esse desenvolvimento, pelo menos nas Ciências, iniciou-se com a ida para a Europa de muitos estudantes de Doutorado que voltaram entusiasmados com a tarefa de criar a Universidade para o desenvolvimento americano. Com as perseguições do nazismo e fascismo levaram para lá cientistas, escritores e artistas, muitos recusados no Brasil pela polícia de Felinto Muller, e com isso transformaram o surto lento das universidades nas primeiras décadas, no crescimento meteórico dos anos 40 e 50 com as consequências futuras, medidas pela grande predominância de cientistas e escritores americanos e europeus lá radicados entre os prêmios Nobel.

Em Princeton entre os estudantes uma dedicação e idealismo comparável ao de nosso grupo da Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) e do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP, porém exarcebado no que se refere à intensidade muito maior de trabalho lá exigido

pelos professores. Esse idealismo não era mais, como no início do século lãe como o nosso então, de origem nacionalista, isto é, de uma necessidade íntima de dar uma contribuição ao desenvolvimento nacional. Aparecia lã, en tão como agora, como competitividade para a obtenção de futuras po sições não só na Universidade mas também na Indústria.

Em Princeton vi pela primeira vez o sistema departamental, sem cátedras, em funcionamento. Aderi imediatamente, sem perceber que sua adoção no Brasil *sem maiores preparativos* teria aspectos de- sastrosos. Isso porque o Departamento na Universidade Americana é baseado no mérito. Todos são ouvidos mas o peso da opinião dos mais experientes é muito grande. Não é um sistema de cátedra pois o Pro fessor Titular tem uma influência que decorre de seu mérito mas não tem o domínio de uma ou mais disciplinas como o catedrático. Todos podem propor modificações de cursos mas qualquer experiên- cia nova é controlada não se admitindo modificações com exagerada frequência. As contratações e promoções são feitas por mérito es- trito. Os defeitos do sistema da cátedra são corrigidos nesse sis- tema sem introduzir a desorganização e desgastantes lutas inter- nas frequentes na atual experiência brasileira. A pesquisa e a cria- tividade são altamente estimuladas em Ciência, Tecnologia, Artes e Letras.

Voltemos à Universidade Brasileira para onde retornei em 1950 (para a USP), voltando em 1952 para a FNF e CBPF. Desse ano até 1964 implantamos entre o Departamento de Física da FNF e o CBPF um regime simbiótico que contornava as deficiências de sistema de cátedras da primeira por oferecer cursos paralelos livres para suplementar alguns cursos menos satisfatórios de Física e Matemã- tica da FNF. A partir da experiência que eu tivera em Princeton, de ver que os cursos, pela deficiência do secundário, começavam em nível baixo e, só após a recuperação dos estudantes nos dois

primeiros anos com exercícios intensos e muito trabalho de laboratório, eram acelerados no 3º e 4º ano para elevar fortemente o nível na pós-graduação, implantamos sistema similar na FNF. Naturalmente que adaptado às nossas peculiaridades. Tudo se ancorava no trabalho da então Assistente Elisa Frota Pessoa que, com a aprovação do catedrático de Física Geral e Experimental, Costa Ribeiro, dava a cada dois anos o curso de 1ª série e seguia essa turma na 2ª série. Com o apoio de seus bolsistas de iniciação científica, que tinham sido seus melhores estudantes, suplementava as aulas teóricas com exercícios e trabalhos de casa numa intensidade que não se conhecia no Brasil. O nível do curso, baseado então no livro de Física do Sears, era tal que permitia a recuperação de um grande número de alunos que de outro modo seriam mas sacrados. Éramos então acusados de estar baixando o curso ao nível do curso secundário quando, na verdade, estávamos elevando o nível dos alunos que chegavam ao terceiro ano do bacharelado. Ao mesmo tempo, como Chefe do Departamento de Ensino do CBPF, eu criava outros cursos, de Matemática, Eletrônica e o Laboratório Didático do CBPF para complementar essa formação básica. O Laboratório foi implantado pelo Professor Paulo Emídio Barbosa que foi mais tarde substituído por Horácio Macedo. Por ele passavam obrigatoriamente os alunos de Elisa. No terceiro ano eu dava o curso de Eletromagnetismo e Leite Lopes o de Estrutura da Matéria. No meu curso de Eletromagnetismo, novamente com o auxílio de alunos bolsistas, os estudantes, com esse treino anterior, manipulavam intensamente essa disciplina com exercícios e trabalho de casa obtendo resultados muito superiores aos obtidos antes dessas inovações. Nos demais cursos e nos trabalhos de iniciação científica, e mais tarde nas pesquisas no CBPF notou-se clara melhoria e aumento de rendimento. Isso a ponto de chegar a formação de novos físicos, que completavam pelo menos um trabalho de pesquisa na simbiose FNF-

-CBPF, a ser comparável em número com a do Departamento de Física da USP. Foi ainda nesse período que procurei intensificar a colaboração com os estados de Pernambuco e Ceará onde estavam ex-alunos nossos e com o Pará a partir de conversas iniciais com Carlos Alberto Dias que de lá viera para fazer com sucesso o curso de Física na FNF. Estabelecemos um plano de apoio a estudantes paraenses que viriam como bolsistas. Eram estimulados e selecionados pelo Professor José Maria Filardo Bassalo, contactado por Carlos Alberto Dias. Em geral faziam o vestibular de Física na FNF. A partir de 1962 Bassalo conseguiu bolsas, primeiro do Núcleo de Física e Matemática da UPA, de cujo diretor, professor Djalma Montenegro Duarte, obtive entusiástico apoio. Também obtive bolsas do Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA) e da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) agora Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). No Rio consegui bolsas do Centro Latino Americano de Física. Bassalo era o homem-chave do projeto.

Esse projeto que prosseguiu com nossa ida para a Universidade de Brasília e depois para São Paulo envolveu mais de quinze estudantes e professores muitos dos quais retornaram ao Pará para desenvolver a Física e Geociências. O aproveitamento dos demais, muitos em posições importantes em outras universidades, dará ao Pará posição de destaque nesses campos. Lembro-me das longas discussões com Carlos Alberto Dias e José Filardo Bassalo sobre as dificuldades de implantação do grupo no Pará. Sabia que haveria reação de rejeição como houvera conosco no Rio. É significativo que até hoje mesmo Carlos Alberto Dias, o dinâmico ponta de lança do projeto, não foi incorporado à Universidade Federal do Pará. Estou informado porém, que isso está a caminho. Com a aposentadoria pelo AI-5 de Elisa Frota Pessoa e minha, certamente por esses e outros atos "subversivos", interrompeu-se esse programa que

"LEBRANDO LACERDA"

(Artigo publicado em "O Liberal" de 07/03/86, Belém, PA)

Jarbas Passarinho

creio, foi o mais extenso programa de colaboração de um grupo num centro desenvolvido com uma Universidade em Estado menos desenvolvido no Brasil. Foi manifestação de grande idealismo. Estou certo de que a proliferação de projetos como esse nos mais variados campos e lugares, não só é factível mas seria de máxima importância para acelerar a formação de quadros universitários no Brasil.

Esses anos das décadas de 50 e 60 foram muito agitados. Sobrecarregados com nossas tarefas de ensino e pesquisa, de formação de pessoal universitário e de pesquisadores encontrávamos tempo para participar ainda dos movimentos em defesa do petróleo e minerais radioativos e pela reforma universitária. Nas Universidades crescia o movimento pela extinção de cátedras, aumento de vagas e criação de cursos que dessem novas oportunidades a mais estudantes. Participamos desses movimentos não apenas com palavras mas com ações. No CBPF eu dirigia a implantação do curso de pós-graduação em Física, o primeiro do Brasil. Na FNF liderei o programa de implantação dos cursos de Físico Tecnólogo, expressão por mim criada, conseguindo que os primeiros fossem criados e registrados no MEC dando início ao de Eletrônica que chegou a formar uma turma que obteve contrato na indústria. Foi a seguir extinto pela direção da FNF porque era dado no CBPF. Um curso que ficou, e prossegue na UFRJ, foi de Meteorologia cuja estruturação e registro no MEC foram por mim feitas com o apoio do cientista Rathsbona do Serviço Meteorológico Nacional e do próprio diretor de S.N.M., Jesus Marsden Soares que concedeu dez bolsas de estudos aos primeiros colocados no vestibular ao Curso. Esse foi o primeiro curso universitário de Meteorologia no Brasil, seguido pelo de Brasília, a partir de proposta minha, e outros. Nessa atuação, e em outras similares, eu insistia numa questão que continua atual: para

permitir maior democratização do acesso à universidade e eliminar o grande desperdício de valores lá existentes, pelo grande número de desistências em cursos de Física e outros, é necessário criar carreiras colaterais de técnicos de nível universitário e outras para aproveitamento desses estudantes. Isso se faz em grande escala nos Estados Unidos em que diplomas em campos os mais estranhos para nós são dados. Na França a criação recente das Universidades Tecnológicas visou esse fim, com sucesso.

Ao mesmo tempo eu participava, ao lado de Darcy Ribeiro, Haity Moussatche, Leite Lopes, Roberto Salmeron, e muitos outros da discussão e elaboração do projeto de criação e estruturação da Universidade de Brasília que seria a grande experiência de uma universidade moderna no Brasil, a esperança de toda a América Latina. Criada e implantada a Universidade por Darcy Ribeiro veio a intervenção militar após a deposição do Presidente João Goulart, afastando mais uma vez Anísio Teixeira da Reitoria. Veio a nomeação do Reitor Zeferino Vaz que participara da criação da Escola de Medicina de Ribeirão Preto e que viria mais tarde a criar a Universidade de Campinas (UNICAMP) em Campinas. Atendendo a um apelo dele veio Roberto Salmeron ao Brasil para discutir a possibilidade de acelerar a implantação dos Institutos Científicos. O CBPF, que se comprometera a se transferir em 1965 ou 1966 para Brasília, tornando-se seu Instituto de Física, cancelou por sua nova administração esse compromisso. Das pessoas envolvidas no projeto só Salmeron, Elisa Frota Pessoa e eu achamos que devíamos ir imediatamente por conta e risco próprios - era o tudo ou nada que tinha a aprovação mesmo de professores afastados da Universidade de Brasília (UnB) pela intervenção como Oscar Niemeyer e outros. O reitor assegurava que, por entendimentos com os militares, não haveria nova intervenção. Nosso idealismo foi

mais forte que a razão. Salmeron foi para lá no segundo semestre de 1964, Elisa e eu em princípios de 1965; levamos perto de trinta a lunos - a maioria alunos de Elisa com boas médias, outros alunos meus e novos alunos vindo de vários estados, inclusive cinco paraenses, entre eles o próprio Bassalo. Puzemos em funcionamento todo o curso de bacharelado do 1º ao 4º ano e até iniciamos a pós-graduação. Um forte reforço foi a ida do Professor Associado Fernando de Souza Barros e uns poucos Assistentes. Todos os estudantes que levamos eram bolsistas e todos monitores nos cursos. Funcionávamos como uma família grande, os mais adiantados auxiliando nos cursos anteriores. Era um grande sacrifício mas o prêmio seria grande, se sobrevivéssemos. Já em 1965 chegariam os primeiros bolsistas do projeto que estavam terminando doutoramento e pós-doutoramento no exterior. Um grande projeto de Física dos Sólidos liderado por Sergio Porto viria dentro de dois anos - o que não ocorreu pela crise que destruiu a Universidade em fins de 1965. Na verdade esse grupo foi levado por Zeferino Vaz para a UNICAMP e foi um dos esteios que assegurou o sucesso dessa Universidade.

Em Brasília tivemos a primeira experiência no Brasil do sistema Departamental - não havia cátedras. A semelhança com Princeton, era grande nos Institutos Científicos. Já nos Institutos de Ciências Humanas haviam grandes entrechoques. A razão era que, enquanto os Institutos Científicos eram formados em torno de líderes científicos que selecionaram todos os membros de cada Instituto e eram por estes respeitados, a falta de homogeneidade nos outros era evidente. Os organizadores iniciais desses Institutos haviam sido expurgados e seus substitutos, mesmo os competentes, não eram tão respeitados pelos demais membros de seus Departamentos. Após uma reunião envolvendo membros de vários Institutos em violentas discussões, algumas se estendendo ao Instituto de Físici

ca de que eu era o Coordenador, e depois de termos recebido um crédito de confiança dos nossos auxiliares, fiz a seguinte declaração: "Agora vejo que a substituição do sistema de Cadeiras pelo Departamental não pode ser feita de chofre e sem maiores cuidados. Se o MEC decretar de uma hora para outra a extinção da cátedra com implantação imediata de Departamentos muito heterogêneos a Universidade Brasileira pode não resistir ao choque e entrar em processo de desintegração".

Foi uma verdadeira profecia. As Universidades, especialmente as Federais, pagam até hoje o preço dessa decisão do MEC sob o governo militar. Enquanto não for encontrado um mecanismo de reconstituição de uma escala de valores e mérito nos órgãos detentores do poder nessas Universidades só vejo possibilidades de deterioração cada vez maior das mesmas. Causa depressão ver as dificuldades de professores e pesquisadores de valor que muitas vezes não conseguem administrar verbas obtidas com base em seus trabalhos de pesquisa. A alta rotatividade de responsáveis por cursos e mudança freqüente de ementas e livros de texto, promoções automáticas ou injustificadas e outras são algumas das consequências do banimento do sistema de mérito. Esse é o mesmo mal que aflige as Universidades francesas que também extinguiram a Cátedra. Cito o grande matemático Laurent Schwartz, socialista e ex-membro da cúpula do Partido Comunista Francês, em seu livro "A Crise na Universidade" (Il faut sauver l'Université) publicado pela USP: "a Universidade francesa só não se auto extinguirá se um sistema efetivo de reconhecimento do mérito e de seu peso nas decisões, além de um grande esforço para a expansão das pesquisas na Universidade, for implantado". A meu ver esse diagnóstico se aplica cem por cento às Universidades Brasileiras onde se confun-

de Democracia com democratice.

Voltando à UnB não é necessário descrever como ela foi leva da à crise final de 1965 pela intervenção sofrida com a demissão de vários professores. Isso levou ao pedido de demissão de 95% dos professores da UnB. Essa demissão não foi um simples protesto mas resultou da evidência de que a ditadura tinha se implantado na própria Universidade com um pau mandado, o novo Reitor nomeado com plenos poderes para manter a Universidade em regime policial. Iso se confirmou com a atitude dos reitores que vieram depois a substituí-lo. Para mostrar que esse ato de truculência não se respaldava apenas nos militares de Brasília basta recordar que dias depois os reitores das Universidades Federais homenageavam o ministro Flávio Suplicy de Lacerda, de triste memória, por "sua atuação decisiva na supressão do foco de subversão na UnB". Em contraste Reitores e professores pela América Latina afora manifestaram seu pesar pela destruição da Universidade que era a grande esperança não só do Brasil mas também de seus países. Terminada a luta, e encerradas as tentativas de encontrar uma solução honrosa que excluísse a continuação do arbítrio do novo Reitor, voltamos ao Rio com nossos estudantes completando a marcha dos 3.000 kms, ida e volta. Ficaram os laboratórios e desapareceram os projetos de rápida implantação e expansão das pesquisas e crescimento da Universidade que iria fabricar outras Universidades. Consegui obter certificado de conclusão de curso para os alunos de Física que haviam obtido os créditos do currículo mínimo e tratamos de conseguir transferência para os demais o que foi muito difícil pois estavam marcados pelo estigma (?) da "subversão". Apesar do fracasso da experiência de Brasília não me arrependo do esforço e sacrifício feitos. Só de ouvir de dezenas de alunos de então, que obti-

veram depois o mestrado e o doutoramento e foram bem sucedidos em sua carreira universitária e científica, a afirmação de que aquele ano foi decisivo para forjar seu caráter e a disposição de continuar a qualquer preço a luta pelo desenvolvimento científico e universitário do país, me considero pago por tudo. Estou certo que essa também é a atitude dos colegas Salmeron, Frota Pessoa, Souza Barros e outros.

A volta para o Rio foi penosa pelas condições existentes na FNF, agora desfeita e espalhada pelos institutos da UFRJ, e no CBPF. Como estava aberto concurso de cátedra para Física Superior na USP resolvi concorrer, atendendo a apelos de colegas de lá. Conquistada a cátedra comecei em 1968 a implementar o grupo de pesquisas e a atuar na melhoria do ensino. Com a dificuldade de verbas consegui um contrato para o paraense, meu ex-aluno Marcelo Gomes, e funcionei, na base de bolsas, para formar um grupo de mais de uma dúzia de físicos que vieram mais tarde a ser contratados por minha proposta ou não e a integrar o atual Departamento de Física Matemática, criado recentemente por Moyses Nussenzweig. A situação mudara muito desde minha primeira ida a São Paulo, com a deterioração da relação entre grupos e pessoas. Eu próprio sofri puxação por querer implantar pesquisa de alto nível e reformular o ensino. Finalmente chegou a reforma universitária com extinção das cátedras e implantação dos Departamentos. Tal foi a luta desencadeada com mais de dez Departamentos propostos, e sem possibilidade de acordo para o Instituto de Física, que recebi a atribuição da Comissão de Implantação da Reforma Universitária da USP de arbitrariamente criar três Departamentos nesse Instituto e neles classificar os membros do Quadro. Em lugar de fazer a classificação por campos afins, a fiz por afinidades entre as pessoas, o que funcio

nou até a ida para lá de Nussenzweig com a criação do novo Departamento. Esperava poder contribuir para a pacificação do Instituto de Física e seu desenvolvimento harmonioso quando fui afastado pelo AI-5 em 1969.

Em relação ao projeto de apoio aos Estados do Pará e Pernambuco que havia recomeçado, deixei lá o Bassalo que se mestrou logo depois e se doutorou mais tarde e Marcelo Gomes, atualmente Professor Adjunto da USP. Também os pernambucanos Coutinho, Gameira e Fitipaldi que tiveram importante atuação após sua volta ao Recife.

Após passar um período na Universidade e no Institute for Advanced Studies de Princeton retornei ao Rio sendo contratado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) onde prossegui minha luta pela formação de pessoal e pela melhoria do Ensino e da Pesquisa. Lá num pequeno Departamento tinha o conforto de estar num grupo homogêneo, incluindo vários ex-alunos e foi possível me sentir novamente à vontade funcionando numa estrutura Departamental.

Desde 1980 no CBPF do qual havia, junto com Elisa Frota Pessoa e José Leite Lopes, sido afastado por ocasião da aposentadoria pelo AI-5, tenho me concentrado num esforço de recuperação dessa Instituição tão atingida pela repressão. Espero que a curto prazo seja possível integrá-lo novamente num esquema de colaboração com as Universidades. Lá também foi necessário travar uma luta em defesa do sistema de mérito na classificação e promoção dos contratados; e lá como nas Universidades esse sistema de mérito deve ser a base da estabilidade e continuidade.

Nesta exposição, relatei minha experiência e dei opiniões que podem ou não, ter relação com a situação nesta Universidade da qual não tenho maiores informações. Espero que elas possam ser ú

teis para ajudar a equacionar seus problemas ou, pelo menos, para dar um início ao debate necessário sobre o futuro da Universidade. Como disse, considero que este é o momento em que se define a maior crise de sua história. Se a Universidade Brasileira não enfrentar o desafio de decifrar a mensagem transmitida pela esfinge da sua reestruturação ela caminhará para sua destruição de fato.

Para concluir enumero alguns pontos, a meu ver básicos, para a reformulação da Universidade.

1. A Universidade não pode receber cheques em branco sem prestar serviços reais à comunidade local e ao país.

2. Democracia não é prestigiar a mediocridade nem é inimiga da qualidade.

3. Se a Universidade não se impuzer pela qualidade do ensino e da pesquisa, será substituída por Universidades militares, reduzindo-se a fábrica de diplomas.

4. As Universidades devem se diversificar e experimentar soluções - "que floresçam com flores e com escolas de pensamento"...

5. A ampliação de vagas tem como pré-condição a formação de um quadro de professores e pesquisadores competentes, baseado no sistema de mérito.

6. Essa ampliação exige novas oportunidades para os estudantes com carreiras correlatas de nível intermediário.

7. Qualquer tipo de bolsa de estudos e pesquisas deve exigir retribuição em auxílio ao ensino.

"Carlos Lacerda, na sua habitual contundência verbal, escreveu certa feita a Burle Marx para dizer-lhe "que o fato de alguém ser um bom paisagista, não concede o direito de não ter caráter". É dura a frase, mas rigorosamente fiel ao estilo de seu autor, além de que, Burle Marx à parte, encerra uma verdade genérica. Poderíamos parodiá-lo para dizer que o talento humano, se não estiver intimamente ligado à correção pessoal, à integridade, só pode ser louvado enquanto no seu campo restrito. Sou mais claro: um físico, mesmo que se tenha firmado no seio da comunidade internacional de cientistas, não tem o direito de falsear a verdade, para servir aos seus propósitos políticos, ou à sua filiação ideológica.

Essas considerações me vêm a mente, quando leio o resumo da aula inaugural da Universidade, na qual, ao invés de ser proferida uma aula magna, na qual se ressaltasse o papel da Universidade, ainda que do ponto de vista particular do conferencista, o professor convidado preferiu falar de si próprio, de suas vicissitudes pessoais nos "vinte anos de ditadura". Cedendo a um indistigável maniqueísmo, definiu esses vinte anos como de abastardamento e deformação da Universidade brasileira e, por extensão, do ensino no Brasil. Isso merece reparos, já que agora, mais que nunca, o discurso que a comunidade estudantil ouve é unilateral, recheado de frases feitas e jargões fáceis de identificar. Quando um mestre se rende a esse tipo de primarismo, logo se vê que não é difícil apanhá-lo na inverdade.

Que era a Educação, antes desses polêmicos vinte anos? Começamos pelo ensino básico, então denominado primário. A taxa de escolaridade, segundo o Anuário Estatístico da Unesco, era apenas de um por cento, em 64. Isso quer dizer que os que agora atacam

deixaram uma realidade em que, para cada contingente de 100 crianças, entre 7 e 14 anos de idade, 49 não tinham sala de aula, isto é, estavam condenados a engrossar o contingente de analfabetos, a partir de 15 anos. E o recenseamento de 1960 já mostrava que os analfabetos eram 36 por cento da população acima dessa idade. Ademais, éramos um dos quatro últimos países do mundo, a ter apenas 4 anos de escolarização obrigatória, em todo mundo".

No sentido secundário, a situação era ainda mais dramática, pois só 24 por cento das vagas eram fornecidas pelo sistema público. Vale dizer que para fazer o ginásial, os filhos, de pobres já eram impedidos, porque a esmagadora maioria do alunado pagava escolas secundárias particulares. Quem não se lembra de que, no Pará, por exemplo, até 64, só haviam dois ginásios públicos?

Eram o tradicional "Paes de Carvalho" e o "Magalhães Barata", este em péssimas condições. Foi depois que vieram o "Augusto Meira" (maior do Norte e Nordeste) e, no interior, ultimadas as construções do "Álvaro Adolfo", em Santarém, e do "Lameira Bittencourt", em Castanhal, além de outros criados, em Belém, pelo professor Edson Franco, secretário de Educação. O "gargalo da garrafa", pois, já era no secundário, eliminando a possibilidade do filho do pobre de ter acesso ao curso ginásial, pois as poucas vagas públicas eram objeto de disputa de "empistolados".

No ensino superior, no mesmo ano de 64, para cada 100.000 habitantes, o Brasil tinha 132 estudantes universitários. A Argentina tinha perto de 800, o Uruguai e Chile, mais de 600; e em toda a América Latina só tinham resultado inferior ao brasileiro três pequenos países da América Central. Não havia um único campus universitário construído, não passando as universidades de aglomerados de faculdades distantes uma das outras. Quem não se

lembra da obra de Santa Engracia que era o projeto de Universidade do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão? Estruturas expostas à erosão dezenas de anos a fio, desde os tempos de Getúlio Vargas, evidenciavam a incompetência e a desídia, nenhuma delas acabada. Foi no governo Médici que se construiu, afinal, o campus. Não só no Rio, mas em vários outros Estados da Federação. Foi no mesmo governo que se equiparam as Universidades, graças a compras realizadas já antes, pelo ministro Tarso Dutra, como de resto a mesma coisa ocorreu em relação às escolas técnicas federais. Finalmente, havia a dramática situação dos excedentes dos exames vestibulares, a pleitear e obter matrículas por via judicial, desorganizando completamente os planejamentos das universidades. E que dizer dos chamados exames de madureza, uma vergonha clamorosa?

Com que autoridade, pois, um físico de renome, mas apaixonado politicamente, pode dizer a alunos e mestres, numa aula inaugural, que foram os últimos vinte anos que arrasaram com o ensino no Brasil? Referindo-se às Universidades, o fez dentro de uma que teve reitores, nesse período, da mais alta qualificação pessoal, de José Silveira a Daniel Coelho de Souza, passando por mestres eméritos como Aloysio Chaves (assessorado diretamente por professores do quilate de Armando Mendes e Nelson Ribeiro) a Aracy Barreto e Clóvis Malcher. Creio injusto e imerecido o conceito expedido pelo conferencista. Pior: acho-o intoleráveis na medida em que, sem nada conhecer do passado recente da Universidade do Pará, proferiu o injurioso conceito de valor.

Não pude deixar de lembrar-me de Carlos Lacerda e Burle Marx..."

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARTIGO "LEBRANDO LACERDA" de Jarbas Passarinho  
(Artigo publicado em "O Liberal" de 07/03/86, Belém, PA)

Jayme Tiomno

Ao retornar de Belém, onde recebi as maiores manifestações de carinho e amizade de Professores da UFPA, eis que deparei no "O Liberal" de 23 de fevereiro com o artigo "Lembrando Lacerda". Nas primeiras e últimas linhas do artigo sou vítima de insólita agressão motivada por divergência do autor com opiniões por mim externadas na Aula Inaugural que proferi dia 14 na Universidade Federal do Pará sobre "Experiências de uma Vida na Universidade Brasileira". Repetindo grosseiras palavras de Carlos Lacerda ao eminente, e mundialmente conhecido, pintor e paisagista Burle Marx classifica como "falta de caráter" ter eu analisado naquela aula, problemas da Universidade Brasileira que, a meu ver, atravessa perigosa crise originada e ampliada no período de arbítrio que o País atravessou a partir de 1964. Não posso deixar de provar aqui que tais "acusações" são infundadas. Ao contrário do ilustre jornalista, não tenho "filiação ideológica" como ele afirma. Meu compromisso é apenas com a verdade e com a luta pela liberação nacional através do desenvolvimento científico e tecnológico do País.

Minha Aula Inaugural, da qual "O Liberal" publicou um bom resumo no dia 15, versou sobre assunto de grande atualidade, o dos problemas enfrentados pela Universidade Brasileira.

A forma de abordá-los, através de minha experiência de 50 anos em várias Universidades brasileiras e estrangeiras e em Centros de Pesquisas Científicas, foi válida, pois permitiu tratar o assunto objetivamente através de fatos. O "maniqueísmo" e os "jargões fáceis de identificar" mencionados pelo jornalista só existem em sua mente. A isso se reduz a primeira terça parte do seu artigo.

O segundo terço é uma descrição de aspectos da Educação em

nível primário e secundário não abordados por mim, portanto não pertinentes à crítica. Não tendo até aí demonstrado meu "primarismo" que, segundo ele tornaria fácil apanhar-me "na inverdade", inicia ele a última terça parte do artigo mostrando como a partir do governo Médici, foram equipadas muitas Universidades que também obtiveram grandes verbas para construções. Concordo em que nunca se derramou tanto dinheiro nas Universidades como nesses anos do "milagre" econômico. No entanto não são prédios e equipamentos que fazem o ensino e a pesquisa nas Universidades.

Sem bons professores e pesquisadores a Universidade degenera. Foi a massificação do ensino e a Reforma Universitária impostas à Universidade que a degradaram. Não foi feita a preparação indispensável para a transição brusca que a Universidade sofreu. Não se prepararam novos quadros nem se estruturou um esquema de poder baseado no mérito que substituísse o da Cátedra que, bem ou mal, se baseava na comprovação do mérito. Foi estimulada, mesmo que por omissão (não menos imperdoável que por ação), a anarquia dentro dos Departamentos e Institutos. Os mais competentes eram massacrados pelos medíocres que, mais numerosos, votavam com o mesmo peso. Era a "democrática" que continua a imperar. Foi como se num exército se igualasse na tomada de decisões o peso dos votos dos soldados e o dos oficiais superiores. E isso num sistema então controlado pelos militares...

Foi essa a ênfase da minha exposição. Afirmei inclusive que um possível novo derramamento de vultuosas verbas nas Universidades Federais, *sem maiores cuidados*, poderia ter novamente efeito muito mais negativo que positivo pela corrupção dos valores e destruição total do que resta do sistema de mérito que poderiam ocorrer.

Não tendo até o penúltimo parágrafo apontado qualquer inverdade na minha exposição, volta o articulista a dizer que não tenho autoridade para afirmar que foram os últimos 20 anos que arrazaram a Universidade no Brasil (teriam sido os 20 anos anteriores?). Mesmo não tendo eu autoridade para dizê-lo, isso é uma verdade, não uma inverdade. Para chegar a essa conclusão basta ler o documento "Uma Nova Política para a Educação Brasileira", relatório final da Comissão Nacional de Reformulação da Educação Superior, encaminhado ao Ministro Marcos Maciel que o solicitou. Lá está também sumariamente caracterizado o descalabro da situação dos níveis primário e secundário.

Finalmente o ilustre articulista procura me indispor com a UFPA, dizendo que sem nada dela conhecer proferi "injurioso conceito de valor sobre a mesma". Também essa afirmativa não corresponde à verdade uma vez que afirmei textualmente em minha exposição que desconhecia as condições nela existentes e que minha análise era de caráter geral baseada em experiência em outras Universidades.

Além disso, estando presentes muitos professores e toda a alta administração da Universidade, e tendo o Reitor aberto a discussão sobre o tema e outros, teria havido protestos se fosse verdade ter eu me manifestado de forma depreciativa sobre a UFPA. Pelo contrário, recebi muitas congratulações, não só após a Aula Magna, mas também durante seminário que proferi no Departamento de Física. A única referência em minha aula à UFPA foi ao esforço grandioso e heróico de um punhado de jovens idealistas, entre eles o atual Reitor Seixas Lourenço, que, apoiados pelo Professor Djalma Montenegro Duarte, se jogaram "no escuro" numa operação de treinamento por mim apoiada no Rio, em Brasília e em São Pau-

lo. Do desdobramento dessa operação resultou, após a volta da maioria a Belém, um maior desenvolvimento da Física e o próprio Centro de Geociências da UFPA, este um dos mais avançados do País.

Em conclusão, contrariamente ao que afirma, não conseguiu o jornalista apanhar-me em inverdades.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
SECRETARIA-GERAL DOS COLEGIADOS DELIBERATIVOS SUPERIORES

Of. nº 062/86 - SEGE

Belém, 05 de março de 1986

Senhor Professor:

Cumpre-me comunicar a V. S<sup>a</sup> que o egrégio Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CONSEP) desta Universidade, em sessão realizada no dia 03.03.1986, acatando proposta do digno Conselheiro José Maria Filardo Bassalo, aprovou um voto de desagravo e repúdio aos conceitos de valor atribuídos pelo Sr. Jarbas Passarinho a V. S<sup>a</sup>, em artigo publicado no Jornal "O LIBERAL" sob o título "Lembrando Lacerda".

Em aditamento, o mesmo Conselho recomendou que a Universidade Federal do Pará mande publicar na imprensa de grande circulação de Belém a íntegra da Aula Magna proferida por V. S<sup>a</sup>.

A seguir, transcrevo, integralmente, o teor da proposição apresentada pelo Professor José Bassalo:

"1. Considerando que o CONSEP, em reunião de 07.10.85, aprovou, por unanimidade, a sugestão ao Reitor para que este convidasse o Prof. Jayme Tiomno para proferir a Aula Inaugural de 1986 da UFPA, ocorrida no último dia 14 de fevereiro;

2. considerando que o CONSEP, naquela ocasião, teve por meu intermédio e por solicitação do Conselheiro Horácio Schneider, Pró-Reitor de Planejamento da UFPA, uma rápida descrição da biografia acadêmica e científica do Prof. Tiomno, descrição essa por mim ampliada e publicada em 'O LIBERAL' de 9 de fevereiro último;

---

Ilmo. Sr.

Prof. **JAYNE TIOMNO**

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Of. nº 062/86 - SEGE

.2.

3. considerando que o CONSEP aprovou tacitamente a Aula Mag na proferida pelo ilustre cientista brasileiro, já que em reunião do CON SUN realizada no dia 18.02.86, não houve nenhuma manifestação contrária a essa Aula por parte de qualquer um dos membros do CONSEP, integrante que é, juntamente com o CONSAD, daquele Conselho Máximo da UFPA;

4. considerando que o Sr. Jarbas Passarinho, em artigo intitulado **Lembrando Lacerda**, publicado em 'O LIBERAL' de 23.02.86, foi extremamente injusto com o cientista Jayme Tiomno, acusando-o de uma suposta filiação ideológica contrária a do Sr. Passarinho, sobejamente conhecida de todo cidadão brasileiro, e de, ainda, outros propósitos, que não sejam o ensino e a pesquisa - dever de todo professor universitário - (dever esse que o Prof. Tiomno sempre exerceu em toda a sua vida acadêmica), pois que, em referido artigo, assim se manifestou: '... para servir aos propósitos políticos, ou à sua (o grifo é nosso) filiação ideológica.';

5. considerando ainda que o Sr. Passarinho, nesse mesmo artigo, duvida do caráter do eminente conferencista, pois que inicia com as seguintes palavras sua crítica sobre a Aula Inaugural do Prof. Tiomno: - 'Carlos Lacerda, na sua habitual contundência verbal, escreveu certa feita a Burle Marx para dizer-lhe que o fato de alguém ser um bom paisagista, não o concede o direito de não ter caráter'. Prossegue o Sr. Passarinho: - 'É dura a frase, mas rigorosamente fiel ao estilo de seu autor, além de que Burle Marx à parte, encerra uma verdade genérica. Poderíamos parodiá-lo para dizer que o talento humano, se não estiver intimamente ligado à correção pessoal, à integridade, só pode ser louvado enquanto no seu campo restrito. Sou mais claro: um físico, mesmo que se tenha firmado no seio da comunidade internacional de cientistas, não tem o direito de falsear a verdade, para servir aos seus propósitos ...'. O Sr. Passarinho conclui seu artigo da seguinte maneira: - 'Creio injusto e imerecido o conceito expendido pelo conferencista. Pior: acho-o intolerável, na medida em que, sem nada conhecer do passado recente da Universidade do Pará, proferiu o injurioso conceito de valor'. Por fim, o Sr. Passarinho arremata: - 'Não pude deixar de lembrar-me de Carlos Lacerda e Burle Marx ...';

6. considerando que o Sr. Passarinho inferiu tais conceitos sobre o Prof. Tiomno, baseado apenas no resumo da Aula Inaugural proferida por esse professor, conforme suas próprias palavras: - 'Essas considerações me vêm à mente, quando leio o resumo da aula inaugural da Universidade ...', sem, portanto, conhecer o conteúdo integral da Aula;



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Of. nº 062/86 - SEGE

.3.

7. considerando que o Sr. Passarinho tem todo o direito de defender os governos dos generais-presidentes a quem serviu durante mais de 20 anos, mesmo porque estamos em um regime democrático, o que, contudo, não lhe dá o direito de tirar conclusões precipitadas e emocionais sobre o resumo de um texto por ele desconhecido;

PROPONHO que seja, em regime de urgência, discutido e votado por parte desse egrégio CONSEP, um voto de desagravo e repúdio aos conceitos de valor atribuídos pelo Sr. Passarinho ao Prof. Jayme Tiomno, um dos mais dignos, corretos, íntegros e eminentes cientistas brasileiros, e que este voto seja enviado pela Universidade ao agravado e ao agravador.

Belém, 03 de março de 1986.

Prof. José Maria Filardo Bassalo, representante do Centro de Ciências Exatas e Naturais no CONSEP".

Atenciosamente,

  
Advo. BERNARDINO RIBEIRO  
Secretário-Geral

dos Colegiados Deliberativos Superiores